

A CORRIDA PRESIDENCIAL

(O Estado de São Paulo - 06/02/2006)

O afunilamento dos concorrentes à corrida presidencial principia a delinear tendências que as pesquisas eleitorais ainda não chegaram a captar, por estarem vinculadas ao momento e influenciadas pelos efeitos dos acontecimentos mais recentes, que afetam a este ou àquele candidato.

O certo é que a eventual queda da verticalização, se aprovada nos 4 turnos da Câmara e Senado, avalisada pela Justiça Eleitoral, como de aplicação possível para o pleito de 2006, poderá desencadear as mais curiosas alianças regionais, com algum impacto sobre a eleição presidencial.

No momento, candidatos reais, mesmo que não declarados, são Lula, Alckmin, Serra, Garotinho, Rigotto e Heloisa Helena.

Lula procura desvincular-se de qualquer responsabilidade sobre os diversos escândalos, que pulverizaram a ética petista e transformaram o partido no mais vulnerável de toda a história da redemocratização –nem o próprio partido do Presidente Collor foi tão chamuscado-, e busca alicerçar sua campanha no apelo popular, preparando-se para aguentar a saraivada de críticas que receberá, certamente, dos candidatos de oposição.

Creio que seu marqueteiro procurará mais realçar alguns resultados na área social, que embora medíocres são mais visíveis, como o da Bolsa Família (“dá o peixe, sem ensinar a pescar”), aumento do salário mínimo e queda do desemprego. Se acentuar, demasiadamente, a “performance econômica” –a mais pífia da América Latina em 2005, exceção feita ao Haiti- ficará exposto à crítica comparativa com as demais economias do mundo, em que seu governo, de astro exponencial em Davos, no ano 2003, nem chegou a ser coadjuvante, em 2006.

Sua política tributária tem sido um desastre e, indiscutivelmente, é uma das grandes amarras para o desenvolvimento nacional. O Brasil só cresce por força do “efeito maré” da economia internacional, mas é o mais pesado de todos os barcos, por isto anda a reboque das demais economias. De rigor, tem o dobro da carga tributária dos países emergentes, o que torna o contribuinte brasileiro antes de tudo um herói e o Fisco ganha conotações de publicano, de senhor feudal da Idade Média, atrás dos escravos da gleba. Nestes termos, creio a oposição explorará a confiscatória carga anti-desenvolvimentista do governo.

Continua sendo, todavia, um candidato forte.

O PSDB, que já deveria ter escolhido, em 2005, seu candidato, ainda vive uma indefinição que só beneficia Lula. O prefeito de São Paulo, que foi excelente Ministro da Saúde e está sendo melhor alcaide que a anterior prefeita, lidera pesquisas, mas é também mais vulnerável, principalmente em face de sua promessa de que dirigiria São Paulo por 4 anos. O Governador de São Paulo, lançado por este ícone da política brasileira, que foi Mário Covas, por ser um homem ético e ter passado irretocável, embora em posição inferior nas pesquisas, tem um potencial de crescimento, na campanha, que os demais candidatos conhecidos não possuem. A luta intestina que trava no partido pode, todavia, deixar cicatrizes e dificultar a vida do candidato vitorioso, nas prévias de março.

O PMDB tende sempre a ser governo, ao ponto de se dizer que é o único partido com clara ideologia “Há poder, sou poder”. Seus dois candidatos dificilmente passarão para o segundo turno, apresentando, na sua luta intestina, fotografia semelhante à do PSDB: o candidato melhor nas pesquisas (Garotinho) é mais vulnerável que o bom governador do Rio Grande do Sul (Germano Rigotto).

Neste quadro de candidatos, aparece a figura do presidente do Supremo Tribunal Federal – candidatíssimo- brilhante político que é, à presidência da república, pelo PMDB, ou a vice, pelo PT. A

Ives Gandra da Silva Martins

pergunta que se faz é a que partido ele irá se filiar (PT ou PMDB), sendo certo que, pelo PT, será mais requisitado, visto que daria, como vice, a colaboração de sua habilidade política –sempre foi mais vocacionado para a política do que para o Direito-, o que, no momento, é algo escasso na agremiação.

Heloisa Helena deverá desfraldar a bandeira do esquerdismo continental (Fidel, Chaves, Morales), do marxismo requeitado e da ética, neste ponto talvez podendo ser mais cruel com Lula do que os candidatos do PSDB e do PMDB. Representa, de rigor, o avanço do retrocesso, no mundo atual, numa postura pessoal com mais dignidade que muitos dos seus ex-colegas de esquerda.

Quaisquer outros candidatos fecharão a raia da corrida presidencial.

A mim, todavia, parece-me que as eleições de 2006 serão o grande teste para se conhecer o amadurecimento do povo brasileiro. Todos os escândalos de corrupção e de fantástica integração espúria entre patrimônio público e privado, que foram levados ao eleitor, poderão ou não servir de balisamento para seu comportamento nas urnas.

Parece-me que mais do que procurar saber qual será o candidato vencedor, nesta nossa curiosa democracia, em que o estelionato eleitoral é uma constante –os políticos mudam de partido como, nos tempos de Voltaire, os viajantes mudavam de cavalos em suas carruagens-, é importante saber se a moral pública é ainda o maior valor a ser preservado, no Estado de Direito, ou se é apenas um desnecessário adorno republicano, a ser ou não utilizado, conforme as circunstâncias. Em outras palavras, se terá o brasileiro compreendido o que realmente a democracia representa.

São Paulo, Janeiro/2006.